

Tuberculose volta a assustar

A tuberculose é outra doença endêmica clássica, cercada pelo preconceito. A partir de 1900, a luta contra a enfermidade foi institucionalizada com a criação da Liga Brasileira contra a Tuberculose. A população pobre, que vivia nos cortiços com quartos úmidos e não ventilados, era alvo fácil. O melhor remédio para o doente era o descanso em sanatórios e a boa alimentação. Na época do roman-

tismo, a tuberculose virou sensação entre artistas e poetas, que consideravam chique escrever sobre o mal e morrer, por amor, com a enfermidade.

No Brasil, seis mil pessoas morrem a cada ano de tuberculose. A doença voltou a ganhar fôlego no país na década de 90 com os casos de Aids. As pessoas com baixa defesa imunológica são mais propensas ao contágio. São 937 mil novos infecta-

dos por ano. No DF, 400 pacientes estão em tratamento e, em média, 22 doentes morrem anualmente. Depois da Aids, é a doença infecto-contagiosa que mais mata na capital. Em cada grupo de cem mil brasilienses, 18 terão a doença. No país, o índice é maior: 48 pessoas infectadas num grupo de cem mil.

“Estar abaixo da média nacional não nos conforta, porque a tuberculose não está

controlada no DF”, alerta a médica Maristela dos Reis Luz, coordenadora do Programa de Controle da Tuberculose no DF. “O doente chega tossindo muito e se espanta ao saber que está com tuberculose. Ele achava que a doença não existia mais”, conta a enfermeira Ildiney Reis, do Programa da Tuberculose no Hospital Dia.

Muitas vezes, o doente também menospreza a tosse. “Acha que vai passar. Mas é nessa fase aguda que o contágio se dá”, comenta a pneumologista. Não há, segundo ela, motivo para repulsa social, já que, com o início do tratamento, o bacilo fica enfraquecido e não é capaz de infectar outra pessoa. “Nosso maior problema é convencer o doente a não interromper o tratamento, que dura seis meses. Ele melhora e acha que está curado. Mas se parar a medicação, o bacilo se recupera e a doença volta mais forte.”